

**COLEÇÃO
PENSAMENTO HUMANO**

Volumes já publicados

- 01 - CONFISÕES - Santo Agostinho
- 02 - SER E TEMPO (Parte I) - Martin Heidegger
- 03 - SER E TEMPO (Parte II) - Martin Heidegger
- 04 - SONETOS A ORFEU E ELEGIAS DE DUINO - R.M. Rilke
- 05 - A CIDADE DE DEUS (Parte I; Livros I a X) - Santo Agostinho
- 06 - A CIDADE DE DEUS (Parte II; Livros XI a XXII) - Santo Agostinho
- 07 - O LIVRO DA DIVINA CONSOLAÇÃO (e outros textos seletos) - Mestre Eckhart
- 08 - O CONCEITO DE IRONIA - S.A. Kierkegaard
- 09 - OS PENSADORES ORIGINÁRIOS - Anaximandro, Parmênides e Heráclito
- 10 - A ESSÊNCIA DA LIBERDADE HUMANA - F.W. Schelling
- 11 - FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO (Parte I) - G.W.F. Hegel
- 12 - FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO (Parte II) - G.W.F. Hegel
- 13 - HIPÉRIÓN OU O EREMITA NA GRÉCIA - Friedrich Hölderlin
- 14 - DA REVIRAVOLTA DOS VALORES - Max Scheler
- 15 - INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS - Ludwig Wittgenstein

Coordenação da Coleção:
Emmanuel Carneiro Leão

Conselho Editorial:
Hermógenes Harada
Sérgio Wrublewski
Gilvan Fogel
Arcângelo R. Buzzi
Gilberto Gonçalves Garcia
Marta C. de Sá Cavalcante

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951.
Investigações filosóficas / Ludwig Wittgenstein ; tradução de Marcos G. Montagnoli ; revisão da tradução Emmanuel Carneiro Leão ; [coordenação Emmanuel Carneiro Leão]. - Petrópolis, RJ : Vozes, 1994. - (Coleção pensamento humano)

ISBN 85-326-1328-4

1. Análise (Filosofia) 2. Filosofia austríaca 3. Linguagem e línguas 4. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951 I. Leão, Emmanuel Carneiro. II. Título. III. Série

94-3757

CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Filosofia austríaca 193
- 2. Filósofos austríacos: Biografia e obra 193

Ludwig Wittgenstein

INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS

Tradução de
Marcos G. Montagnoli

Revisão da tradução:
Emmanuel Carneiro Leão

2ª edição



VOZES

Petrópolis
1996

na verdade, na possibilidade que há em nossa linguagem de escrever toda proposição assertiva na forma "Afirma-se que isto e aquilo é o caso". -Mas "Que isto e aquilo é o caso" não é, propriamente, uma proposição na nossa linguagem-não é ainda um lance no jogo da linguagem. Se escrevo "Afirma-se: isto e aquilo é o caso" ao invés de "Afirma-se que...", as palavras "Afirma-se" são aqui então supérfluas.

Poderíamos muito bem escrever aquela asserção também na forma de uma pergunta com asserção proposta; mais ou menos assim: "Chove? Sim!" Isto mostraria que em toda asserção se esconde uma interrogação?

Tem-se o direito de empregar um sinal de asserção em contraposição, p. ex., a um sinal de interrogação; ou quando se quer distinguir uma asserção de uma ficção ou de uma suposição. Isto é errôneo somente quando se tem em mente que a asserção é constituída de dois atos: ponderar e afirmar (atribuição do valor de verdade, ou algo semelhante) e que nós realizamos esses atos pelo signo proposicional, mais ou menos como cantamos por notas. Contudo, com o canto por notas se deve comparar a leitura em voz alta ou em voz baixa da frase escrita, mas não o 'ter em mente' (pensar) da frase lida.

O sinal de asserção de Frege acentua o começo da frase. Ele tem uma função semelhante ao ponto final. Ele diferencia todo o período da frase no período. Quando ouço alguém dizer "chove", mas não sei se ouvi o início ou o fim do período, então esta frase não é para mim ainda um meio de comunicação.

23. Mas quantas espécies de frases existem? Porventura asserção, pergunta e ordem? -Há inúmeras de tais espécies:

Imaginemos um quadro representando um boxeador numa determinada posição de luta. Este quadro pode ser usado para comunicar a alguém como ele deve se posicionar ou se manter; ou como não deve se manter; ou como um determinado homem se posicionou aqui e ali; ou etc. etc. Poder-se-ia chamar esta imagem (falando na linguagem química) de radical proposicional. De modo semelhante imaginava Frege a "suposição".

inúmeras espécies diferentes de emprego do que denominamos "signos", "palavras", "frases". E essa variedade não é algo fixo, dado de uma vez por todas; mas, podemos dizer, novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem surgem, outros envelhecem e são esquecidos. (As mutações da matemática nos podem dar uma imagem aproximativa disso.)

A expressão "jogo de linguagem" deve salientar aqui que falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida. Tenha presente a variedade de jogos de linguagem nos seguintes exemplos, e em outros:

Ordenar, e agir segundo as ordens-

Descrver um objeto pela aparência ou pelas suas medidas-

Produzir um objeto de acordo com uma descrição (desenho)-

Relatar um acontecimento-

Fazer suposições sobre o acontecimento-

Levantar uma hipótese e examiná-la-

Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas-

Inventar uma história; e ler-

Representar teatro-

Cantar cantiga de roda-

Adivinhar enigmas-

Fazer uma anedota; contar-

Resolver uma tarefa de cálculo aplicado-

Traduzir de uma língua para outra-

Pedir, agradecer, praguejar, cumprimentar, rezar.

-É interessante comparar a variedade de instrumentos da linguagem e seus modos de aplicação, a variedade das espécies de palavras e de frases com o que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (Inclusive o autor do *Tratado Lógico-Filosófico*.)

24. Quem não tem clara a variedade dos jogos de linguagem estará inclinado a fazer perguntas como esta: "O que é uma pergunta?" -É isso a constatação de que não sei tal e tal coisa,

'entendendo', o jogo de uma outra pessoa – e coisa semelhante. Só assim ele poderá, ao aprender o jogo, perguntar com relevância: "Como se chama isto?" –ou seja: esta figura de jogo.

Podemos dizer: pergunta significativamente por uma denominação somente quem já sabe o que fazer com ela.

Podemos imaginar também que a pessoa, a quem se faz a pergunta, responda: "Determine você mesmo a denominação" – então, aquele que perguntou teria ele mesmo de responsabilizar-se por tudo.

32. Quem chega a um país estrangeiro para aprender a língua dos nativos muitas vezes por meio das explicações ostensivas que lhes são dadas; e, freqüentemente, ele terá que *adivinhar* a interpretação dessas explicações, e adivinhar às vezes com acerto, às vezes erroneamente.

Acredito que podemos dizer então: Santo Agostinho descreve a aprendizagem da linguagem humana como uma criança que chegasse a um país estrangeiro e não entendesse a língua do país; isto é: como se ela já tivesse uma língua, só que não esta. Ou também: como se a criança já fosse capaz de *pensar* mas não ainda de falar. E "pensar" significaria aqui algo como: falar para si mesmo.

33. E se alguém objetasse: "Não é verdade que alguém tenha de dominar um jogo de linguagem para entender uma definição ostensiva, mas ele tem – evidentemente – de saber (ou de adivinhar) somente para onde aponta a pessoa que explica! Se, p. ex., para a forma do objeto, ou para a sua cor, ou para a quantidade, etc. etc." – Em que consiste pois – apontar para a forma, 'apontar para a cor'? Aponte para um pedaço de papel! – Aponte então para a sua forma – agora para a sua cor, – agora para o seu número (isto soa esquisito!) – Como foi que você fez isto? – Você dirá que, ao apontar, cada vez *'teve em mente'* algo diferente. E se perguntou como isso se dá, você dirá que concentrou a sua atenção na cor, na forma, etc. Mas então perguntou mais uma vez como isto se dá.

geral, chegamos a um entendimento comum sobre o emprego da expressão "ter o mesmo sentido" ou "realizar o mesmo". Pode-se perguntar, a saber: Em que caso dizemos "Estas são apenas duas formas diferentes de um mesmo jogo"?

62. Suponha, p. ex., que a pessoa, a quem são dadas as ordens (a) e (b), tenha que verificar numa tabela que ordena nomes e imagens em uma relação entre si, antes que traga o que foi exigido. Faz ele então o mesmo quando cumpre uma ordem em (a) e a correspondente em (b)?—Sim e não. Você pode dizer: "O espírito das duas ordens é o mesmo". Eu diria a mesma coisa aqui.—Mas não está claro sempre o que se deve chamar de 'espírito' da ordem. (Do mesmo modo, pode-se dizer de certas coisas: sua finalidade é esta e aquela. O essencial para que isto seja uma lâmpada é que ela sirva para iluminar—que ela enfeite o quarto, que preencha um espaço vazio, etc., isto não é essencial. Mas essencial e inessencial nem sempre são separados claramente.)

63. Mas a expressão, que diz que uma frase em (b) é uma forma 'analisada' de uma frase em (a), nos induz, facilmente, a achar que aquela forma é a mais fundamental; que ela mostra somente o que se tem em mente com a outra, etc. Pensamos, talvez: falta a análise a quem possui apenas a forma não analisada; no entanto, quem conhece a forma analisada, possui tudo.—Mas posso dizer que um aspecto da coisa se perde para este assim como para aquele?

64. Imaginemos o jogo (48) modificado, de sorte que nele os nomes não designem quadrados de uma só cor mas retângulos que se constituem de cada dois de tais quadrados. Um tal retângulo, metade vermelho e metade verde, chama-se "U"; um retângulo, metade verde e metade branco, chama-se "V", etc. Não poderíamos imaginar pessoas que tivessem nomes para tais combinações de cores mas não para as cores individuais? Pense

nos casos em que dizemos: "Esta combinação de cores (a Tricolor francesa, p. ex.) tem um caráter bem especial."

Até que ponto os signos desses jogos de linguagem têm necessidade de uma análise? Sim, até que ponto pode o jogo ser substituído pelo (48)?—Ele é justamente um outro jogo de linguagem; mesmo que aparentado com o (48).

65. Aqui nos deparamos com a grande questão que está por trás de todas estas considerações.—É que alguém poderia retorquir: "Você facilita muito a coisa! Você fala de todos os jogos de linguagem possíveis, mas não disse, em nenhum lugar, o que é a essência do jogo de linguagem e, portanto, da linguagem. O que é comum a todos esses processos e os torna uma linguagem ou peças da linguagem. Você se dá de presente, portanto, exatamente a parte da investigação que, a seu tempo, lhe deu as maiores dores de cabeça, a saber: a parte que diz respeito à forma geral da proposição e da linguagem."

isto é verdadeiro.—Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos linguagem, digo que não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações, motivo pelo qual empregamos a mesma palavra para todas, — mas são aparentadas entre si de muitas maneiras diferentes. Por causa deste parentesco, ou destes parentescos, chamamos a todas de "linguagens". Quero tentar elucidar isto.

66. Observe, p. ex., os processos a que chamamos "jogos". Tenho em mente os jogos de tabuleiro, os jogos de cartas, o jogo de bola, os jogos de combate, etc. O que é comum a todos estes jogos?—Não diga: "Tem que haver algo que lhes seja comum, do contrário não se chamariam 'jogos'" —mas olhe se há algo que seja comum a todos.—Porque, quando olhá-los, você não verá algo que seria comum a todos, mas verá semelhanças, parentescos, aliás, uma boa quantidade deles. Como foi dito: não pense, mas olhe!—Olhe, p. ex., os jogos de tabuleiro com seus variegados parentescos. Passe agora para os jogos de cartas: aqui você encontra muitas correspondências com aquela primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem, outros se

apresentam. Se passarmos agora para os jogos de bola, veremos que certas coisas comuns são mantidas, ao passo que muitas se perdem. — Prestam-se todos eles ao 'entretimento'? Compare o xadrez com o ludo. Ou há, por toda parte, ganhar e perder, ou uma concorrência dos jogadores? Pense nas paciências. Nos jogos de bola há ganhar e perder; mas, se uma criança atira a bola contra a parede e a agarra novamente, neste caso este traço desapareceu. Veja que papel desempenham habilidade e sorte. E quão diferente é habilidade no jogo de xadrez e habilidade no jogo de tênis. Pense agora nas brincadeiras de roda: aqui se encontra o elemento de entretenimento, mas quantos dos outros traços característicos desapareceram! E assim podemos percorrer os muitos, muitos outros grupos de jogos, ver as semelhanças aparecerem e desaparecerem.

E o resultado desta observação é: vemos uma complicada rede de semelhanças que se sobrepõem umas às outras e se entrecruzam. Semelhanças em grande e em pequena escala.

67. Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que por meio das palavras "semelhanças familiares"; pois assim se sobrepõem e se entrecruzam as várias semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, andar, temperamento, etc., etc.—E eu direi: os 'jogos' formam uma família.

Do mesmo modo formam uma família, p. ex., as espécies de números. Por que chamamos algo de "número"? Ora, talvez porque tem um—direto—parentesco com alguma coisa que até agora se chamou de número; e pode-se dizer que através disso adquire um parentesco com uma outra coisa que também chamamos assim. E alargamos nosso conceito de número do mesmo modo que, ao tecermos um fio, traçamos fibra por fibra. E a robustez do fio não consiste em que uma fibra qualquer perpassa toda sua extensão, mas em que muitas fibras se sobreponham umas às outras.

Mas, se alguém quisesse dizer: "Há, portanto, algo comum a essas construções todas,—a saber: a disjunção de todas essas propriedades comuns"—eu responderia então: aqui você joga

com uma palavra apenas. Poder-se-ia dizer, igualmente: algo perpassa o fio todo,—a saber, a sobreposição sem falhas dessas fibras.

68. "Muito bem; assim está explicado para você o conceito de número como a soma lógica daqueles conceitos individuais aparentados: número cardinal, número racional, número real etc. e, igualmente, o conceito de jogo como a soma lógica dos conceitos parciais correspondentes."—Não, necessariamente. Pois assim eu posso conferir limites rígidos ao conceito 'número', isto é, usar a palavra 'número' como designação de conceito limitado rigidamente, mas posso usá-la também de tal modo que a extensão do conceito não seja fechada por um limite. E é assim que empregamos a palavra "jogo". De que modo está fechado o conceito de jogo? O que é ainda um jogo e o que não o é mais? Você pode indicar os limites? Não. Você pode traçar alguns: pois ainda não se traçou nenhum. (Mas isto jamais o incomodou ao empregar a palavra "jogo").

"Mas então não está regularizado o emprego da palavra; não está regularizado o 'jogo' que jogamos com ela."—Não está delimitado por regras em toda parte; mas também não há, no jogo de tênis, regras que determinem, p. ex., a que altura ou com que força se é permitido arremessar a bola, mas o tênis é de fato um jogo, e também possui regras.

69. Como explicaríamos para alguém o que é um jogo? Creio que desprevedo jogos, e poderíamos acrescentar à descrição: "isto e coisas semelhantes são chamados 'jogos'". E sabemos, nós próprios, mais do que isto? E somente a outrem é que não somos capazes de dizer exatamente o que é um jogo?—Mas isto não é ignorância. Não conhecemos os limites, porque não se traçou nenhum limite. Como foi dito, podemos—para uma finalidade especial—traçar um limite. Somente fazendo isto é que tornamos o conceito utilizável? De forma alguma! A não ser para esta finalidade especial. Tampouco tornou útil a medida de comprimento '1 passo' quem definiu: 1 passo = 75 cm. E se você quiser dizer: "Mas, anteriormente, ela não era uma

medida de comprimento exata", respondo então: bem, então era uma medida inexata. -E você ainda fica me devendo a definição de exatidão.

70. "Mas, se desta forma o conceito de 'jogo' é ilimitado, então você não sabe, propriamente, o que tem em mente com 'jogo'." -Quando dou a descrição: "O solo estava totalmente coberto de plantas", -você quer dizer que eu não sei do que estou falando enquanto não puder dar uma definição de planta?

Minha opinião poderia ser explicada, digamos, por um desenho ou pelas palavras "O solo tinha mais ou menos tal aspecto". Talvez eu diga também: "Ele tinha *exatamente* tal aspecto". -Portanto, estavam lá, nessas posições, *exatamente* essas ervas e folhas? Não, não é isto que se quer dizer. E, neste sentido, eu não reconheceria em nenhuma imagem a imagem exata.

71. Pode-se dizer que o conceito 'jogo' é um conceito de contornos imprecisos. -"Mas um conceito impreciso é, por acaso, um conceito?" -Uma fotografia desfocada é, por acaso, o retrato de uma pessoa? Bem, pode-se substituir sempre com vantagem um retrato desfocado por um nítido? Freqüentes vezes não é o retrato desfocado precisamente aquilo de que mais precisamos?

Frege compara o conceito a uma região e diz: uma região delimitada sem clareza não pode, absolutamente, ser chamada de região. Isto significa que não podemos fazer nada com ela. -Mas não tem sentido dizer: "Detenha-se mais ou menos aqui"? Imagine que eu estivesse com uma outra pessoa em um lugar e dissesse isto. Nisso, nem ao menos traçarei algum limite, mas farei um movimento indicativo talvez com a mão, -como se lhe mostrasse um determinado ponto. E é precisamente assim que se explica o que é um jogo. Dá-se exemplos e pretende-se que

Alguém me diz: "Mostre um jogo às crianças!" Ensino-lhes a jogar dados a dinheiro, e o outro me diz "Eu não tinha em mente um tal jogo". Era necessário que estivesse em sua mente a exclusão do jogo de dados quando me deu a ordem?

eles sejam entendidos num certo sentido. -Mas com esta expressão não tenho em mente: nestes exemplos ele deve ver o comum, aquilo que -por uma razão qualquer- não consegui trazer à fala. Mas: ele deve *empregar* estes exemplos apenas num determinado modo. A exemplificação não é aqui um meio indireto de explicação, -na falta de um melhor. Pois, toda explicação geral também pode ser mal entendida. É assim que jogamos o jogo. (É o jogo de linguagem que tenho em mente com a palavra "jogo").

72. *Ver o comum.* Suponha que eu mostre para alguém diferentes quadros coloridos e diga: "A cor que você vê em todos esses quadros chama-se 'ocre'." -Esta é uma explicação que é entendida na medida em que o outro procura e vê o que é comum àqueles quadros. Ele pode então olhar para o comum, apontar para ele.

Compare com o seguinte: Mostro-lhe figuras de formas diferentes, todas pintadas da mesma cor, e digo: "O que estas têm em comum entre si, chama-se 'ocre'".

E compare com isso: Mostro-lhe padrões de diferentes matizes de azul e digo: "A cor, que é comum a todos, eu chamo de 'azul'".

73. Se alguém me explica o nome das cores apontando para o padrão e dizendo: "Esta cor chama-se 'azul', esta 'verde' ...", então este caso pode ser comparado, em muitos aspectos, a ele colocar-me nas mãos uma tabela, na qual as palavras estão sob os padrões de cores. -Mesmo que esta comparação possa enganar de certo modo. -Estamos inclinados agora a entender a comparação: Ter compreendido uma explicação significa posuir em espírito um conceito do que foi explicado, e isto é um padrão ou uma imagem. Caso alguém me mostre folhas diferentes e diga "Isto chama-se 'folha'", obtenho então um conceito de forma de folha, uma imagem dela no espírito. -Mas que aspecto tem a imagem de uma folha que não apresenta uma forma determinada, e sim 'aquilo que é comum a todas as formas de folha'? Que tom de cor tem 'em meu espírito o padrão' da cor verde-daquilo que é comum a todos os tons de verde?

AFORISMOS DE WITTGENSTEIN ^{Prof. Cristian}

IN: Stern, H. "Heraclitus's and Wittgenstein's River Images: Stepping Twice in the same river." *The Monist* 74: 579-604, 1994

"Não posso caracterizar melhor meu ponto de vista do que dizendo que é oposto ao que Sócrates representa nos diálogos platônicos. Pois se me perguntassem o que é conhecimento, eu listaria itens de conhecimento e adicionaria 'e coisas que tais'. Não há um elemento comum a ser encontrado em todos eles, porque simplesmente não há." (Wittgenstein. In: Stern, 1991, p. 581)

"Mas é essa a dificuldade que Sócrates encontra ao tentar dar definições de um conceito. Répetidas vezes o uso de uma palavra emerge tal que parece não ser compatível com o conceito que outros usos nos levaram a formar." (Wittgenstein. In: Stern, 1991, p. 581)

AFORISMOS DE WITTGENSTEIN

IN: Wittgenstein, Ludwig. On Certainty. Basil Blackwell, Oxford, 1979.

"Poderíamos imaginar que algumas proposições da forma das proposições empíricas foram endurecidas e funcionaram como canais para tais proposições empíricas não endurecidas, mas fluidas; e que essa relação se alterava com o tempo, de forma que as proposições fluidas se endureciam, e as endurecidas tornavam-se fluidas." (Wittgenstein, DC, §96)

"Em geral considero como verdadeiro o que se encontra em livros escolares de geografia, por exemplo. Por quê? Eu digo: todos esses fatos foram confirmados centenas de vezes. Mas como eu sei disso? Qual é a evidência que tenho para isso? Eu tenho uma imagem do mundo [Weltbild]. É verdadeira ou falsa? Acima de tudo, é o substrato de toda minha investigação e asserções. As proposições que a descrevem não são todas igualmente sujeitas a prova." (Wittgenstein, DC, §162)

"'Estamos seguramente certos disso' não significa apenas que cada único indivíduo está certo disso, mas que pertencemos a uma comunidade a qual está ligada conjuntamente pela ciência e pela educação." (Wittgenstein, DC, §298)